



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Formação de Professores-FFP

Departamento de Educação

Curso de Pedagogia

Marriete da Silva Cruz

Encontros com a Pedagogia: narrativas de estudantes

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Inês Ferreira de Souza Bragança

São Gonçalo

2014

Encontros com a Pedagogia: narrativas de estudantes

Marriete da Silva Cruz

Monografia de apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia à Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores, tendo como Orientadora a Prof^ª Dr^ª Inês Ferreira de Souza Bragança.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Inês Ferreira de Souza Bragança

São Gonçalo

2014

Ficha Catalográfica:

C957 Cruz, Marriete da Silva
Encontros com a pedagogia: narrativas de estudantes / Marriete da Silva Cruz, 2013.
38 f.

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Professora Dr^a Inês Ferreira de Souza Bragança.

1. Formação de professores. 2. Pesquisa educacional.

371.13

Encontros com a Pedagogia: narrativas de estudantes

Marriete da Silva Cruz

Aprovado em: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Inês Ferreira de Souza Bragança (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

Prof^a Dr^a Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

DEDICATÓRIA

Ao único digno de toda a honra. Ele foi meu guia e minha fortaleza. Derramou sobre mim toda a sabedoria e paciência. Ao Deus criador, eu dedico este trabalho.

A minha querida mãe, por ter lançado sobre mim palavras amigas que me ajudaram a prosseguir em minha caminhada. Ao meu pai, que apesar das suas poucas palavras, os seus simples gestos não me deixaram desistir. E ao meu querido irmão, por ter sido em todo tempo meu amigo.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por toda dedicação e amor. Por ter acreditado e sonhado comigo. Por ter segurado as minhas mãos todas as vezes que eu ameaçava cair.

Ao meu pai, que com amor sempre me ofereceu o melhor.

Ao meu irmão, por ter ficado acordado por várias noites enquanto eu fazia algum trabalho.

A minha orientadora Inês Bragança, por toda paciência, confiança, compromisso e todos os saberes transmitidos.

Aos meus familiares, pelos sorrisos de esperança.

Aos amigos, que participaram da minha trajetória escolar e, na graduação, me ajudaram a caminhar.

A minha amiga, Greciane Pechiná, por cada telefonema fortalecedor.

A minha amiga, Renata da Costa por ter oferecido o seu tempo na correção ortográfica deste trabalho.

Aos colegas, amigos e companheiros de curso, por ter dividido experiências e expectativas. Principalmente todas aquelas que contribuíram com as suas narrativas. Á Adriana Lopes e Ana Lucia Lima pela união por toda a graduação. Á Luiza Macedo, pelo nosso (re) encontro ao final do curso e em especial todos aqueles que fizeram parte da turma 2009.2.

Aos professores, pois me fizeram sorrir, refletir, debater e até mesmo chorar.

E por fim, a todo o Ministério Infantil por todas as orações.

RESUMO

Este presente trabalho monográfico tem como objetivo levantar pistas e refletir sobre processos identitários que envolvem futuros pedagogos, a partir das memórias e experiências formativas de graduandas do 8º período do curso de pedagogia da UERJ. A pesquisa desenvolve-se por meio do estudo da literatura e das pesquisas de diferentes autores, alinhando um diálogo com as narrativas de vida das alunas em formação. Através de uma abordagem qualitativa da pesquisa em educação, utilizando as narrativas de vidas e a análise de relatos orais como fonte metodológica, o trabalho buscou compreender conceitos que atravessam o campo dos estudos sobre memórias, formação e construção de identidade, nos encontros e aproximações com a Pedagogia enquanto campo de estudo e de atuação profissional.

Palavras-Chave: Construção de identidade, narrativas de vidas, formação do Pedagogo.

SUMÁRIO

MEMORIAL	09
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: TORNA-SE UMA QUESTÃO DA IDENTIDADE	16
Os professores de ontem e os pedagogos de hoje: várias faces.....	16
Pois, afinal, o que é identidade ?.	21
CAPÍTULO II: ÁLBUM DE FORMAÇÃO: CAMINHOS NOS LEVAM AO ATO DE TORNAR A SER	24
Álbum de formação: Colagens que nos leva a dialogar	26
Álbum de formação: As divisões ou dimensões que podemos encontrar nas fotografias selecionadas.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

MEMORIAL

O ato de narrar me faz trazer algumas memórias da minha trajetória vida. Nasci no ano de 1989, no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Recebi do meu pai o nome de Marriete. Este nome foi escolhido para combinar com o da minha mãe, Marinete. O “nome” é, muitas vezes uma representação que traz as marcas de uma pessoa e principalmente as marcas da família.

Era uma criança curiosa e que gostava de conhecer as letras do nome da mãe, do pai e dela mesma. Fui aprendendo e aos quatro anos de idade ao ingressar na escola, já conhecia a maioria das atividades fornecidas pela professora. Antes mesmo dela explicá-las, as minhas já se encontravam prontas. Mas, para não deixar uma aluna sem fazer nada, a professora usava de suas estratégias; e colocava para ajudar os colegas de classe com as suas tarefas. Este foi o meu primeiro amor. O amor de ensinar e de imitar a ‘tia’ ao ensinar os meus colegas. Mas a doçura da “Escola Favo de Mel” alguns anos depois teria de acabar. A instituição não possuía registro e teve de ser fechada. No ano seguinte, fui matriculada na única escola municipal do bairro. Na primeira série (hoje chamada de segundo ano do ensino fundamental I) comecei a estudar na “Escola Municipal Leonor Correia”, a escola mais antiga do Bairro de Trindade, São Gonçalo. Lembro-me de como criava histórias e brincadeiras naquele espaço onde existiam várias árvores.

Aos domingos, íamos almoçar na casa da minha avó materna, que mora até os dias atuais no bairro Paraíso. Para chegar ao Paraíso, passávamos no bairro Patronato onde localiza-se a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Olhava sempre para a FFP e perguntava para minha mãe o que era aquilo. Ela me explicava que era uma faculdade destinada a formar professores. Eu sempre falava que um dia eu ia estudar naquele local.

Nos finais de tardes, um grupo de crianças eram reunidas no quintal da minha casa. Era a minha brincadeira favorita; brincar de escola. Às vezes, eu era a professora, às vezes, a diretora... Aos poucos, as mães levavam os cadernos e os livros de seus filhos (meus vizinhos) para meu o quintal. Era uma forma de todos juntos fazermos as tarefas de casa.

Uma reformulação do ensino no município fez com que o ensino fundamental II terminasse e os alunos da Escola Leonor Correia tiveram que fazer inscrição pelo

telefone para uma das escolas estaduais. Foi um alívio para os pais que, anteriormente, para trocar os filhos de escola, tinham que enfrentar longas filas durante a madrugada para conseguir uma vaga.

Chegou a minha hora de mudar para quinta série (hoje sexto ano do ensino fundamental II). A carta chegou em minha casa. A vaga era para o Colégio Estadual Pandiá Cológeras. Fomos efetuar a matrícula. Minha mãe ficou assustada com o tamanho da escola e com a quantidade de alunos, já que eu estava acostumada com uma escola de bairro, que era menor e possuía poucos alunos. Meus pais acharam que eu não estava pronta para uma rotina em uma escola grande como aquela. Foi quando descobrimos que a nova escola municipal do bairro possuía vagas para a quinta série. Comecei, então, a estudar na nova escola Professora Marlucy Salles de Almeida. Nas salas da quinta série estavam os alunos da Escola Leonor Correia matriculados. Foi na Escola Professora Marlucy que me aproximei de Nathália, pois já a conhecia da escola anterior. Nos tornamos amigas inseparáveis.

Na primeira semana, Vera, orientadora educacional da escola, visitou a nossa sala. Ao longo do tempo, passei acompanhar a tia Vera. Sempre que tinha alguma aula vaga que ia direto para Serviço de Orientação Educacional (SOE). Foi quando tomei a decisão de um dia trabalhar no SOE igual à tia Vera.

Logo veio mais uma mudança; precisávamos escolher uma escola para cursar o Ensino Médio. Uma das opções de instituições para o Ensino médio foi o “Instituto de Educação Clélia Nanci”, porém, fui selecionada para o Liceu Nilo Peçanha, não somente eu, mas Nathália também. Fomos separadas de turma, Nathália foi para turma de Inglês e eu para a turma de Espanhol. Desta forma, novos ciclos de amizades foram iniciados (construídos). As amizades que fiz na minha turma e as que fiz na turma da Nathália compunham meu grande grupo de amigos. Achei que poderia ter o mesmo acesso ao SOE, como eu tinha na Escola Professora Marlucy, porém, infelizmente, no “Liceu” o funcionamento era diferente. No final do nosso segundo ano ouvi uns colegas da outra turma falando sobre a inscrição em um curso de pré-vestibular comunitário. Fizemos a nossa inscrição e iniciamos o último ano do Ensino Médio, junto com o pré-vestibular. Vivi uma rotina diferente e trabalhosa. Duas vezes na semana pela manhã tinha curso de inglês, à tarde cursava a escola e à noite e aos sábados assistia o curso pré-vestibular Oficina do Saber.

Quando todos perguntavam qual era o curso que iria prestar no vestibular. Respondia que seria para professora. Outra pergunta era logo formulada: “professora de

qual disciplina?” Eu respondia que seria de todas. Até que um dia fui entrevistar a orientadora da escola e ela me falou que tinha feito o curso de Pedagogia. Eu não sabia o que era Pedagogia, então, resolvi pesquisar. Ao tentar entender do que se tratava o curso de Pedagogia e suas áreas de atuação, me apaixonei. Próximo à paixão surgiram às críticas. Os conselhos que eu ouvia eram para não fazer pedagogia.

Em decorrência dessas críticas, me inscrevi em cinco vestibulares de universidades públicas do Rio de Janeiro e no Enem. Em cada um coloquei um curso diferente, mas em nenhum tentei para o curso de Pedagogia devido às críticas que ouvi. Ganhei 50% de desconto por ter sido aprovada no Enem em Ciências Biológica e fiquei na reclassificação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não fiquei com a bolsa e nem acompanhei o processo classificatório, devido aos custos que teria, além de não ter motivações pelos cursos (áreas escolhidas).

Em 2008, comecei a trabalhar em um Call Center. Neste mesmo ano me escrevi novamente no vestibular. Desta vez somente para o curso de Pedagogia e apenas para UERJ/FFP, Universidade Federal Fluminense (UFF) e no Enem. O meu objetivo era realizar o meu sonho de criança, que era o de estudar na “Faculdade que formava Professores” e que a minha mãe tanto explicava. Ao mesmo tempo poderia viver a paixão tão criticada (Pedagogia).

Em janeiro de 2009, uma espécie de apagão em São Gonçalo me fez passar em um grande momento de ansiedade, pois era o dia que sairia o resultado da UERJ, porém essa falta de energia me impedia de consultar o resultado pelo o computador. Mas, foi através de um telefonema de um amigo que veio a conquista do sonho idealizado. Ele, meu amigo Leo, havia sido aprovado em Matemática, eu em Pedagogia, Dielle em Geografia e Debora, em História. Todos na FFP. E a Nathália? Ela já estava no curso Geografia na FFP.

No segundo semestre de 2009 iniciei o curso de Pedagogia. No primeiro dia de aula subi as escadas da faculdade como se estivesse escalando uma grande montanha e no pico encontraria a premiação. Na sala de aula achei a minha dupla Adriana. Éramos as alunas conhecidas como “as que trabalhavam”. Vejo que isso foi o que nos uniu. Além de tudo, éramos funcionárias da mesma empresa de telemarketing. Aos poucos a nossa dupla foi crescendo, os integrantes saíam e entravam. Viramos um quarteto: Adriana, Ana Lúcia, Marriete e Rodrigo. Aos poucos vi minha turma esvaziando. Os motivos eram sempre os mesmos: horário do novo trabalho não conciliava com o da

Faculdade. Com isso passamos a ser um trio. Andávamos sempre juntas, repartíamos textos, solidariedade e compreensão.

Foi no Call Center que comecei a ter a experiência em ministrar aulas. Na chegada de novos funcionários eu era chamada para compartilhar os meus conhecimentos. Ensinava a todos as formas de utilizar as ferramentas. Chegando ao final da Faculdade, percebi, entretanto, que não deveria trabalhar mais nessa empresa. Foi no sétimo período que comecei o estágio em uma clínica de psicopedagogia e depois como professora auxiliar em uma escola. A paciência e agilidade adquiridas no telemarketing, unidas com a teoria aprendida na faculdade contribuíram para com a prática que a cada dia era renovada.

Hoje, concluindo o curso, percebo que escalei verdadeiramente a montanha e no pico dela encontro a felicidade de uma conquista. A conquista narrada neste trabalho monográfico, em que busco levantar pistas sobre os caminhos que nos levam a nos tornarmos Pedagogos. Caminhos esses que revelam os processos de construção de identidade de cada aluna entrevistada e que serão apresentadas ao longo da monografia.

Depois deste memorial, onde articulo as minhas experiências formadoras ao tema desenvolvido, trago a introdução. Nela apresento a problemática e as questões de estudos, seguindo-se dois capítulos. No primeiro capítulo trago um panorama histórico do curso de pedagogia e conceituo formação de si e a identidade. No segundo capítulo percorro as trajetórias das alunas do curso de pedagogia como pesquisa monográfica. Finalizo o trabalho com as considerações que não finalizam, mas iniciam uma nova etapa da vida a ser narrada e compartilhada

INTRODUÇÃO

São as mediações entre a memória da trajetória passada e o desejo de projetos futuros e entre o “eu” e os muitos “outros” que favorecem a tessitura, pelo sujeito, de uma imagem de si. (BRAGANÇA, 2011, p.162).

Em uma tarde de domingo, conversando com algumas amigas, relembramos o nosso tempo na escola, fatos ocorridos que para mim se faziam presentes. Parecia um filme e o roteiro dele era a minha história de vida. Lembrei das brincadeiras, do ditado, das cantigas e das palavras que tive que aprender a escrever para não ficar copiando após a aula. Para muitos, o que seria uma simples conversa entre três amigas de infância, se tornou um grande ponto de partida para uma reflexão.

Algum tempo depois, participando de uma disciplina de Alfabetização, do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores (UERJ), ministrada pela Professora Jacqueline Morais, foi feito uma espécie de diário de curso, no qual nós relatávamos as nossas observações e experiências. Muitos colegas, como eu, começaram a descrever e relatar as suas histórias do período escolar, sabendo que a valorização das experiências e das trajetórias de vida possibilita desenvolver uma reflexão do nosso eu docente. Desta forma, ampliamos a nossa formação e construímos a nossa identidade profissional.

A identidade profissional docente é uma elaboração que perpassa a vida profissional do professor, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, como no que se refere ao trabalho concreto, as quais são reveladas nos memórias acadêmicas e de formação (SOUZA, 2008, p.42).

Conforme afirma Souza (2008), a memória da escola registrada possui uma grande importância na pesquisa da história da educação, pois é utilizada como fonte teórica e metodológica. Podemos observar como as memórias do meio escolar têm um papel fundamental nas mudanças históricas no que se refere ao ambiente familiar, profissional e social.

Em uma autobiografia seria o sujeito a escrever de si próprio, da sua vida social à sua história. Esses escritos trazem a presença do tempo e do território. Assim, quando ocorre a análise de (auto)biografias há possibilidade do indivíduo se encontrar com as suas próprias subjetividades.

Segundo Moita (*apud* BRAGANÇA, 2011, p.160), a formação é constituída através das nossas experiências individuais e está ligada ao conhecimento; “forma-se supõe troca, experiências, interações sociais, aprendizagem, um sem fim de relações”. Portanto, ao relatarmos e trocarmos as nossas vivências, nos (auto)formamos, já que em todo o momento passamos por uma transformação e as experiências são mobilizadas.

O estágio realizado através da disciplina de Estágio Supervisionado I, fornecida pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores/ UERJ, também fez-me lembrar da minha trajetória na escola e fez-me repensar algumas práticas pedagógicas ocorridas na educação infantil. Inicialmente, escolhi uma escola, para efetuar o estágio, próximo à minha residência e, além disso, por já ter estudado naquela instituição de ensino. Nos meus dias de permanência no espaço escolar formulei várias indagações. Perguntei para mim mesma o porquê de várias situações (o brincar e o lúdico, a relação entre os pais e professores). Dias afirma que a “formação assume o desafio de tencionar modelos rígidos e predeterminados, evidenciando a necessidade de não confundir uma forma de ensinar com o único modo de praticá-la” (DIAS, 2011, p.270). Questionamentos ocorreram por fazerem parte de um processo de formação profissional. Mas, muito além, as questões constituíram um processo de autoformação presente nas memórias vividas no período estudado naquela escola.

Foi a ligação entre vivido, a vivência e a espera do se iria viver instigou-me à produção do meu projeto para este trabalho. Assim, diante da minha pequena turma da pedagogia, resolvi efetuar o somatório de alguns dos meus questionamentos. Os sujeitos principais eram as minhas colegas e as seguintes interrogações: Como elas se viam como pedagogas? O que fez com que elas escolhessem o curso de pedagogia?

Portanto, este presente trabalho teve como objetivo levantar pistas e refletir sobre processos identitários que envolvem futuros pedagogos em formação, a partir das memórias e experiências formativas das graduandas do curso de pedagogia da UERJ. A pesquisa desenvolveu-se por meio do estudo da literatura e das pesquisas de diferentes autores, alinhando um diálogo com as narrativas de vida das alunas em formação. Através de uma abordagem qualitativa da pesquisa em educação, utilizando as narrativas de vidas e a análise de relatos orais como fonte metodológica, o trabalho buscou compreender conceitos que atravessam o campo dos estudos sobre memórias, formação e construção de identidade, nos encontros e aproximações com a Pedagogia enquanto campo de estudo e de atuação profissional.

O foco da pesquisa foram as alunas, possíveis concluintes da turma do curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores – UERJ, grupo que iniciou o curso no segundo semestre de 2009. Essa turma, no primeiro período, possuía 17 alunos e ao término do curso eram apenas oito alunas matriculadas. Dessas, apenas seis estavam cursando disciplinas do último período do curso. Das seis, entre as quais a autora da presente pesquisa está incluída, quatro participaram das entrevistas (auto)biográficas.

CAPÍTULO I:

Torna-se uma questão da identidade

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de ser e de estar na profissão. (NÓVOA *apud* VIEIRA, 2000, p.71)

Foi assim como uma flor que se abre na chegada da primavera, como a mãe que olha o seu filho que acaba de nascer, agradece a chegada do novo ser e, depois de alguns anos, chora pela sua partida. Uma despedida que causa dores, choro e em nenhum momento perde as suas marcas. Foi assim que começaram as discussões acadêmicas sobre a profissão docente, algo que nasceu de dentro de cada intelectual e ao longo do tempo foi compartilhado. Foi em meio a um processo histórico longo e cheio de tensões que buscou-se a valorização da profissão e dos direitos. Foi a partir dos anos 1980, que iniciaram-se os debates sobre a profissão docente.

Algumas pesquisas feitas em Portugal e na Espanha influenciaram os estudos educacionais brasileiros. Um dos autores que se destaca por sua importância para os estudos no Brasil foi António Novóia (BRAGANÇA, 2011). O referido autor nos trouxe o reconhecimento de que as vivências e as experiências dos docentes são fundamentais para o desenvolvimento profissional.

Com o crescimento das tecnologias, seus avanços e a chegada da modernidade, o Brasil passou pelo processo de desenvolvimento econômico. Nesse contexto, sucedeu a crise de identidade na sociedade brasileira e logo a crise de identidade dos docentes.

Para compreendermos melhor esse contexto trago um panorama histórico sobre a formação dos professores e a criação do curso de Pedagogia no Brasil.

1.1 - Os professores de ontem e os pedagogos de hoje: várias faces

No período do Brasil Colônia e no início do império, os professores não possuíam nenhuma formação. Bastava apenas o indivíduo comprovar a moralidade que era analisada pelo o padre ou por um juiz. (VICENTI; LUGLI, 2009)

No período do Império foi considerado que para ser docente o candidato deveria apenas ser observador das ações e, assim, contribuiria para o seu preparo. Aos poucos, começaram os debates para uma nova preparação de professores, para tal criaram-se, então, duas alternativas: o sistema de professores adjuntos e o das escolas normais. No

primeiro modelo, eram escolhidos os melhores alunos entre 12 anos e 13 anos de idade para serem os professores adjuntos que aprendiam, acompanhando e ajudando o trabalho do professor da turma. Já a primeira escola normal foi criada em Niterói, na província do Rio de Janeiro, em 1835. Depois várias experiências foram implementadas. As escolas foram criadas em locais onde o dirigente da província se interessava e direcionava verbas. Entretanto, devido à precariedade do curso, havia baixa procura, ocorrendo fechamento e abertura das escolas. (VICENTI; LUGLI, 2009)

Para iniciar na escola normal, como professor o candidato deveria ter 18 anos enquanto no método mútuo¹ o interessado poderia ter entre 12 e 13 anos, recebia remuneração e poderia participar dos concursos públicos com 21 anos. As escolas normais, em seu período inicial, não eram seriadas e possuíam um único professor, eles tinham o papel de ensinar a primeiras letras. O mesmo avaliava se o aluno estava apto. Desta maneira ocorria uma indicação para a comissão julgadora. Em 1850, houve um processo de mudanças em Niterói. Foi reaberto a escola normal e criado um modelo de currículo no qual os futuros professores aprendiam disciplinas específicas com especialistas e eram separados por ano. (*ibid*)

A lei de ventre livre, datada de 1871, fez com que houvesse uma preocupação com a educação das crianças nascidas de escravos e também uma ênfase na alfabetização de analfabetos e das mulheres. (*ibid*)

A reforma de 1890, trouxe mudanças para as escolas normais como a introdução de disciplinas científicas. Em vários estados brasileiros o conhecimento pedagógico e a administração destas instituições eram aos poucos uniformizadas. Porém, as diferenças nas condições financeiras e sociais fez com que não ocorresse um modelo único para a formação dos professores. O que havia de comum eram os cursos primários complementares. Criados em 1802, como parte da reforma, os cursos primários complementares possuíam quatro anos que eram realizados após 4 anos do ensino primário. O curso tinha como objetivo aprofundar o ensino adquirido na escola elementar.

Em 1895, a primeira escola complementar foi instalada e tinha como o objetivo servir de modelo de organização e funcionamento para as demais escolas. Neste mesmo ano, o curso primário complementar já era um curso de formação dos

¹ Método de ensino onde uma turma poderia chegar a 500 alunos. O professor ficava no alto em um tablado, enquanto os monitores andavam na sala orientando os demais alunos com as instruções passadas pelo mestre. (VICENTI; LUGLI, 2009)

professores. O curso normal tinha um custo muito alto devido aos edifícios próprios e serem os professores, especialistas. Aos poucos o curso foi eliminado e, assim, transformando o curso primário complementar, em outras palavras, curso de formação de professores. Para que não ocorresse nenhuma alteração do currículo, foi colocado um ano a mais no qual era ensinado sobre as práticas de ensino.

Em muitos sentidos, a preparação dos complementaristas não era equivalente à dos normalistas, a iniciar pela falta de seleção: enquanto que os normalistas passavam por um exame de admissão, para o ensino bastava ter concluído o curso primário complementar. (VICENTI; LUGLI, 2009, p.39).

Podemos observar que neste período histórico da primeira república há uma desvalorização da formação profissional do professor. A escola normal possui disciplinas específicas e professores especialistas, já o curso complementar possui um único professor para ensinar todas as disciplinas. Isso fazia com que o curso normal tivesse um padrão mais elevado.

Na década de 1920 alguns estados adotaram o ensino complementar e foi neste período que o curso normal foi elevado a um padrão melhor. A partir dos anos 1930 para ingressar no curso normal era necessário que o candidato cursasse o ginásio. Existiam outros cursos de formação de professores que levavam um tempo menor para serem concluídos, já que havia por parte do governo uma necessidade de expandir o sistema de ensino. Assim, podemos identificar várias categorias na formação de professores. Tínhamos professores sem formação, os que permaneciam desde o império, os professores normalistas e os complementaristas:

a década 1930, os mais destacados brasileiros, reunidos na associação Brasileira de educação (ABE), vinham assinalado a necessidade de que o Brasil tivesse um sistema de nacional de ensino, aos invés de muitos sistemas estaduais. (LUGLI; VICENTINI, 2009, p.41)

Podemos destacar, aqui, as primeiras discursões buscando melhorias na formação dos professores. Foi com Anísio Teixeira que ocorreu a primeira reforma na escola normal no Distrito Federal, buscando organizar e direcionar o curso ao seu caráter profissionalizante, sugerindo uma formação de professores uniforme. (*ibid*)

No ano de 1935, ocorreu a inclusão na Universidade do Distrito Federal (UDF), uma espécie de faculdade para os professores das escolas normais. Contudo, a reforma chamada de Capanema extinguiu o curso na UDF por não estar de acordo com os padrões estabelecidos pelo o governo autoritário denominado como Estado Novo. Em

1939, criou-se ao lado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a Faculdade Nacional de Educação.

[...] cujos objetivos constava a formação de professores para os cursos secundário e normal. Neste contexto, temos o curso de Pedagogia, como bacharelado que formava “técnicos em educação”- diploma que passava a ser exigido para ocupar cargos especializados no Ministério da Educação. (VICENTI; LUGLI, 2009, p.54).

É necessário destacar que o curso tinha como opção o bacharelado que não habilitava para lecionar. Após os três anos, o candidato deveria cursar a licenciatura com duração de um ano na qual disponibilizava disciplinas de Didática. Nessas circunstâncias, podemos supor o indício de uma crise de identidade dos profissionais da educação já que a carreira possuía duas faces. As faces obtinham como finalidade o profissional e a docência.

A lei Orgânica do Ensino Normal do ano de 1946 estabeleceu “uma primeira estrutura a nível nacional, com diretrizes gerais para a formação de professores, em nível médio” (BRAGANÇA, 2009, p.9). Posteriormente tivemos a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961, que não fez nenhuma transformação na lei Orgânica.

A partir da década de 1950, tivemos um crescimento em todo o país com os cursos superiores e, com isso, também o crescimento do curso de pedagogia.

Acompanhando esse processo de expansão quantitativa do curso de Pedagogia, ocorria, no campo educacional brasileiro, a partir de meados da década de 1950, uma mudança quanto à organização do ensino, na qual os professores passavam a ser objeto de treinamentos em massa dirigidos “técnicos em educação”. O objetivo era proporcionar um espécie da educação em serviço, oferecendo assim formação mínima a uma parcela considerável do magistério brasileiro que era leiga. (VICENTI; LUGLI, 2009, p.56)

Segundo Vicenti e Lugli (2009), esse crescimento demandou inúmeras críticas ocorridas nas décadas de 1960 e 1970 devido à precariedade do curso (professores não qualificados e grande números de alunos) .

Como foi explanado, o objetivo deste capítulo foi traçar o panorama para contextualizar o curso de pedagogia. Devido à complexidade que o curso nos traz foi necessário delinear o percurso que a profissão docente levou até o curso de pedagogia. Em sequência, damos continuidade com um pouco mais desse Curso de Pedagogia, especificamente no Rio de Janeiro, bem como suas complexidades.

Retornemos à criação do curso, em 1939. Desde então ocorreram questionamentos sobre a identidade do curso, pois, apresentava estrutura de bacharelado e de licenciatura. O indivíduo que possuía a certificação do curso trabalhava como professor ou em alguma atividade técnica ou como professor do Curso Normal. (BRAGANÇA, 2012).

O Brasil, no período de pós-guerra, passou por um desenvolvimento econômico e possuía um grande “mal” que era o analfabetismo no país. Foram criados alguns movimentos (como o MOBREAL) que ensinava os adultos e jovens da camada popular a ler e a escrever.

Segundo Souza, “da década de 1960 e início dos anos 1970, evidencia-se um aumento do número de vagas e de matrículas nas escolas públicas, criando-se um paradoxo por parte do discurso oficial sobre os recursos destinados à educação” (SOUZA, 2011, p.215). Assim, o país abriu portas para ampliação do ensino básico, dando oportunidade para a criação do curso de licenciatura, porém não houve investimentos públicos para estes profissionais, favorecendo, assim, oportunidade para os professores não qualificados.

Em 1962 já havia sido feitas algumas alterações no curso. Mas foi em 1969 que o Parecer N° 252/69 do Conselho Federal de Educação (CFE) trouxe as habilitações como a Supervisão Escolar, Administração, Inspeção e Orientação Educacional. Vemos, aqui, o desdobramento da crise de identidade do curso em um país que passava por um regime militar, logo a própria sociedade sofria com uma crise. Crise quer dizer ausência, carência, um momento de desordem acompanhada de busca penosa de uma solução.

No final da ditadura cresceram no Brasil alguns movimentos de educadores e estudantes fundando a Associação Nacional pela Formação dos Professores de Educação (ANOPE). Esses movimentos geraram a mobilização para debates sobre a formação dos professores, em “uma abordagem ampla que rompesse com as especializações técnicas previstas na estrutura do Curso de Pedagogia e impostas às escolas como divisão do fazer educativo” (BRAGANÇA, 2012, p.100).

Em 1980, como citado anteriormente, a Espanha e Portugal influenciaram os debates com “uma nova perspectiva para a formação de professores e pedagogos” (BRAGANÇA, 2012, p.100). Uns buscavam uma formação voltada para a docência e outros buscavam a formação abrangesse outras especialidades. A proposta feita pela ANFOPE e outras associações era de que a docência deveria ser a base do curso, já que

a docência faz parte das atividades pedagógicas, ou seja, ela é uma das modalidades. Verificamos que a complexidade está presente desde criação do curso.

Estes debates levaram a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.339/96 que elevou a formação dos professores ao nível superior. Com isso, em 2006, foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de pedagogia, hoje em vigor. (BRAGANÇA, 2012) .

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.(Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11)

Esta multiplicidade de áreas de formação nos mostra os vários espaços de atuação do pedagogo. Mas, onde os futuros pedagogos estão se vendo? É através do reflexo dos espelhos (BRAGANÇA, 2009) que eles enxergam a sua identificação. A partir da imagem formada que ocorre a possibilidade de olhar o projeto futuro, ou seja, o reflexo. Desta forma, no próximo item desta monografia, trago uma reflexão sobre as definições da identidade que estão ligadas aos projetos futuros.

1.2- Pois, afinal, o que é identidade?

Se olharmos a teia da aranha podemos observar que ela é formada por vários pontos e eles por consequência se cruzam. Estes cruzamentos são as partes principais, pois são eles que vão tecendo a formação.

A criança ao chegar em seu primeiro ano na escola comparece cheia de conhecimentos adquirido no seio familiar. Ao longo da vida esses conhecimentos vão se ampliando com o contato com outras pessoas e com outras culturas. Tomo como metáfora do processo identitário, a aranha que lança o seus fios de seda até formar uma linda escultura (a teia). Se por algum motivo, um dos fios se arreventa a pequena aranha lança novamente os seus fios para formar uma nova escultura. Assim acontece com o nosso “eu”. Recebemos interferência várias dimensões - família, grupos de amigos, trabalho, cidade e tantos outros -, diferentes fios culturais que vão nos formando e nos tornando um ser com uma identidade que está em constate transformação. Quando um

fio cultural se arreventa, logo outro fio é lançado e outro cruzamento é formado. (VIEIRA, 2000; VIEIRA, 2009)

Desta maneira a identidade se apresenta. É uma constante transformação e entrelaçamentos entre o “eu” interior e o exterior. Ser professor é uma afirmação feita, já que há outras pessoas não o são e vivemos em uma sociedade diversificada. Afirmar-se é o mesmo que identifica-se. O “eu” interior torna-se construído no hoje que está ligado ao ontem e adianta o futuro. São fios que se cruzam e vão formando as nossas identidades.

Somos indivíduos em uma constante transformação. Podemos observar uma constante mudança em nossa sociedade e é esta a definição de uma sociedade pós-moderna. Vivemos numa sociedade de mudanças e temporária, portanto, nos transformamos a cada dia e criamos em nós não apenas uma identidade, mas vivemos um processo.

Por estar em uma constante transformação, as identidades passam a ser contraditórias já que “elas se cruzam ou se deslocam mutuamente” (HALL, 2005, p.20). Através dessa contradição que surge a questão da identidade. Segundo Hall (2005), a identidade passa a ser uma questão quando está em crise. Um exemplo disso é a crise da identidade docente que, ao longo dos anos, é situada no centro dos debates educacionais.

No filme "Tempos modernos" podemos ver como um empregado em se aliena uma fábrica. Este funcionário recebeu várias ordens e a sua meta era cumprir essas ordens. Da mesma forma ocorreu com as escolas, com a chegada das tecnologias à sociedade e com os seus avanços. Na perspectiva tecnicista dos anos 1960/1970, a instituição de ensino tornou-se uma fábrica de produção e, os funcionários dessa fábrica, os professores. A administração entrou na escola com uma nova roupagem chamada de administração escolar, nos dias atuais conhecida como gestão escolar. Essa conhecida gestão escolar baseia-se nos fundamentos da administração empregada nas empresas capitalistas. Assim, utilizando as suas técnicas e métodos, como a eficácia que é voltada “para resultados e objetivos” e a eficiência que é voltada para “os processos e procedimentos” (FORTUNA, 1982, p.9), cria-se um aumento do controle profissional deixando de lado as experiências, contribuindo para a desqualificação das práticas e dos saberes dos docentes. (SOUZA, 2011)

Como mencionado anteriormente, crise quer dizer ausência, carência, um momento de desordem acompanhada de busca penosa de uma solução. É buscando o

conhecimento de si que, por sua vez, compreendemos as questões identitárias. No próximo capítulo trago as contribuições das narrativas das trajetórias de formação de alunas concluintes do curso de pedagogia, como se fossem imagens de fotografias selecionadas para a revelação. Das fotos selecionadas, vemos a configuração de um álbum. O álbum, aqui, são as trajetórias de formação que nos revelam a construção das identidades de cada narradora e as fotografias são os eixos de narrativas separados para nos contar os caminhos que nos levam a nos tornarmos pedagogos.

CAPÍTULO II:

Álbum de formação: caminhos nos levam ao ato de tornar a ser

*De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo.
Caetano Veloso*

No trecho da música acima “Oração ao tempo”, de Caetano Veloso, podemos verificar um indivíduo se declarando ao tempo e solicitando um brilho. Este brilho definido, entendo como uma melhora do destino.

O tempo materializado em um álbum mostra as situações guardadas na “caixinha do tempo”, mais conhecida como memória. Para Le Goff (2003), a memória é um elemento fundamental para o que é chamado de identidade. Ela pode ser individual ou coletiva, e sua busca é uma atividade essencial. É na busca de encontrar os caminhos das identidades de futuras pedagogas que foi realizado este trabalho.

Este texto relata a análise das narrativas de formação de alunas matriculadas nas disciplinas 8º período do curso de Pedagogia. É importante frisar que as entrevistas foram realizadas no mês de junho de 2013, ou seja, faltando três meses para o término do período. Das entrevistadas, nem todas estavam efetivamente terminando o curso. Considerando que o mesmo funciona em sistema créditos, cada estudante organiza seu plano de estudos e algumas, apesar de estarem no 8º período, ainda teriam que ficar mais tempo para cumprir todas as disciplinas do currículo. Como já foi citado na introdução deste trabalho monográfico, todas as quatro alunas selecionadas faziam parte da turma iniciada no segundo semestre de 2009, possuíam idades entre 21 a 46 anos e todas eram mulheres.

Nas entrevistas narrativas, inicialmente, as colegas foram estimuladas a narrar fatos, situações, ideias que foram, ao longo do tempo, construindo a sua trajetória até a chegada ao curso de Pedagogia, desta maneira projetando suas expectativas como futuras pedagogas.

As entrevistas foram realizadas através dos relatos gravados, com a autorização prévia das alunas, a partir de questões semiestruturadas. Todas aceitaram o desafio de

serem narradoras das suas próprias histórias de vida. Com o desenvolvimento dos encontros/entrevistas com as colegas tive como objetivo de evidenciar a questão norteadora da pesquisa: Quais os fios condutores que contribuíram para o processo de identificação e formação global das futuras pedagogas? Desta forma, procurei analisar, reconhecer e encontrar lampejos dos diversos fios e tensões presentes nas histórias narradas.

Ressalto, ainda, que a pesquisa, aqui esquematizada, apresenta cunho qualitativo e utiliza a metodologia de análise de conteúdo. Segundo Abrahão e Erbs (2004, p.3), “a análise de conteúdo tem como procedimento tratar informações, atitudes ou temas contidos em uma mensagem”.

A entrevista/conversa com as colegas foi mediada pelas seguintes questões:

1. Nome
2. Idade
3. Por que escolheu o curso de Pedagogia?
4. Quais experiências que você obteve antes de ingressar no curso que considera importantes para sua escolha? Você teve algum apoio familiar?
5. Sabemos que o pedagogo possui vários espaços de atuação. Em qual deles você pretende atuar?
6. Dependendo da resposta pergunta anterior. Para você o que significa ser professor?

Desta forma, a conversa com as colegas refletiu alguns eixos de investigação: a vida familiar e/ou contextos sociais, os processos e experiências de formação, a vida escolar, a trajetória acadêmica (exemplo: ingresso no curso e experiências ao longo da graduação) e perspectivas profissionais (projeções futuras).

A ordem da colagem das fotografias do álbum foi escolhida a partir dos eixos de investigação. Assim, a partir das transcrições das entrevistas registro, a seguir, colagens das fotografias nos álbuns de formação, que não perdem o seu valor, pelo contrário, permitem a compreensão das discussões que irei trazer sobre as questões da investigação.

2.1- Álbum de formação: Colagens que nos levam a dialogar

Início a colagem das fotografias, relatando sobre experiência de entrevistar e de ser ouvinte das narradoras. Utilizo para o desenvolvimento da pesquisa a vertente da investigação-formação, tomando como suporte teórico-metodológico, mais especificamente, os estudos de Souza (2008), Comarú (2004), Abrahão (2004), Erbs e Abrahão (2004).

Ao efetuar o convite para entrevista não acreditava que seria algo tão difícil de ser feito. Eram as minhas colegas de turmas, já nos conhecíamos, conversávamos todos os dias e havia um laço de afetividade. Esta foi a primeira problemática da investigação: a insegurança, muitos estranhamentos e dúvidas foram questões que surgiram no processo de realização das entrevistas. As narradoras queriam saber, previamente, o que tinham que falar e, principalmente, como deveriam falar. No meu papel de entrevistadora, as motivei para que narrassem da maneira que achassem melhor

Segundo Abrahão e Erbs (2004), o acolhimento é fundamental para os trabalhos com narrativas autobiográficas. Para ocorrer o acolhimento é necessário que o entrevistador conheça a história de cada um e, assim, possa indicar caminhos para que a produção seja proveitosa para o narrador. Desta forma o referido acolhimento passou a ser o caminho para iniciarmos o processo de gravação das entrevistas, já que eu conhecia as entrevistadas.

Os dias dos encontros foram distintos entre as entrevistadas, pois tínhamos um elemento que, às vezes, nos atrapalhava que era o tempo. Dependia da disponibilidade de horários. Foi feito assim, entre os minutos disponíveis antes da aula começar e na hora do almoço, entre as mesas da cantina da FFP ou em alguma sala vazia. Como pesquisadora não pretendi achar estatísticas ou respostas fechadas, mas, busquei compreender o fenômeno em questão, levantar indícios para reflexão sobre o tema proposto. A pesquisa feita com alunas concluintes do curso de Pedagogia me permitiu analisar as dimensões ligadas à formação e à construção identitária.

Os diálogos foram acontecendo e as (auto)biografias eram, com muita beleza, apresentadas. Era a junção do “auto”, que é o mesmo que falar de si e falar da vida que estava contida em cada narrativa, uma espécie de partilha das situações vividas que aconteciam entre o narrador e o ouvinte.

Conforme Souza, isso tudo aconteceu por se tratar de uma “perspectiva tridimensional do tempo narrado, também se apresenta no tempo pensado/vivenciado, com as ambiguidades e, mesmo, contradições no seio dessas três instancias, passado, presente e futuro” (2004, p.6). Era o bolo de aniversário a ser preparado. Na receita

vários ingredientes necessários. Neste caso, o bolo pronto e todo decorado é o elemento final da pesquisa de (auto)biografias. Para termos o elemento final precisamos de uns ingredientes e o principal é o fermento o qual produz o crescimento. O fermento são as identidades pessoais de cada um. Por conseguinte, convido a todos a observar no álbum de formação, a produção e a divisão do bolo.

A partir de um roteiro semiestruturado obtive a possibilidade de conhecer um pouco mais de cada colega de curso. E os conhecimentos que já possuía possibilitaram fazer uma apresentação individual das entrevistadas como forma de homenageá-las e torná-las conhecidas pelos leitores, antecedendo os fios do bolo a ser repartido.

O perfil das entrevistadas

Perfil da primeira entrevistada:

- Idade: 46 nos
- Estado civil: Casada
- Formação: Pedagogia
- Profissão: (Estudante)

Mãe, mulher, esposa e universitária este é o perfil da primeira entrevistada. Após anos longe da escola resolveu voltar a estudar para conquistar o sonho da arte de ensinar. Escolheu a pedagogia por acreditar na educação e em todas as áreas que a Pedagogia pode oferecer, escolheu ser professora. Para ela ser professor é:

Poder atuar dentro da sala de aula, é você pesquisar, é você passar conhecimento. Professor posso dizer que é estar atuando em todas as áreas do conhecimento. (Trecho da narrativa da primeira entrevistada)

Perfil da segunda entrevistada:

- Idade: 22 nos
- Estado civil: Solteira
- Formação: Pedagogia
- Profissão: (Estudante)

Chegou ao curso de pedagogia meio perdida, mas ao longo do período se encontrou na pesquisa sobre étnica racial. Ou seja, se encontrou como pesquisadora. A entrevistada não demonstrou o interesse em ser professora e, sim, em outras áreas de atuação do pedagogo. Apesar disso achou necessário relatar o que para ela era ser professora:

Para ser professor tem que ter vocação. Tem que ter desejo e tem querer devido ter que trabalhar com outras pessoas. O professor tem que ter a consciência que seu trabalho não encerra ali. Ser professor é ter responsabilidade do futuro, não futuro do país, mas o futuro do seu aluno. Se a escola é ruim ou se não tem projetos pedagógicos não interessa, é seu compromisso. Temos que conhecer a realidade do aluno e isso não é difícil. Basta o professor dar a voz para o aluno. E o aluno tem que saber a importância disso. O aluno também tem que saber que seu conhecimento é também importante. (Trecho da narrativa da segunda entrevistada)

Perfil da terceira entrevistada:

- Idade: 21 anos
- Estado civil: Solteira
- Formação: Pedagogia
- Profissão: (Estudante)

O jeito de menina transparece no brilho de seu olhar. Não sabia nem o que era mas, pelo encanto pela educação especial mergulhou e gostou do que encontrou.

Eu gosto muito da área da educação especial! (trecho da narrativa da terceira entrevistada)

Perfil da quarta entrevistada:

- Idade: 29 anos
- Estado civil: Casada
- Formação: Pedagogia
- Profissão: Estudante e supervisora do serviço de atendimento ao cliente.

Mulher sonhadora e conquistadora que através do seu trabalho voluntário na igreja conheceu a Comunidade Surda. Sua vontade é um dia poder trabalhar para eles:

Eu quero continuar na área de educação. Especificamente na área de educação com os surdos. (Trecho da narrativa da quarta entrevistada.)

É possível observar algumas questões que mostram indícios da forma de ser e estar de cada entrevistada e os seus desejos nos projetos futuros. Conforme cita Jung (*apud* ABRAHÃO; ERBS, 2004), a pessoa jamais poderá desenvolver-se se não escolher seu próprio caminho, de maneira consciente e moral. Assim a escolha feita pela entrevistada dá indício dos caminhos próprios idealizados, a serem conquistados e desenvolvidos.

A seguir, busco apresentar os caminhos que nos levam ao encontro com a Pedagogia e suas possibilidades.

2.2- Álbum de formação: as dimensões que podemos encontrar nas fotografias selecionadas

Após colher as entrevistas, ouvi as gravações e, de uma forma analítica, percebi elementos no início da escolha do curso, a presença de um personagem que incentivou a escolha. Para algumas o ingresso na universidade foi marcado como um sonho, uma conquista para outras como uma possibilidade de fazer um curso universitário.

Sempre tive vontade de ser professora. Desde criança. Sempre gostei de ler. Depois de casada e com os meus filhos já crescidos resolvi voltar a estudar e fazer um curso pré-vestibular e passei para UERJ. Eu não imaginava que ia passar. (Trecho da narrativa da primeira entrevistada).

Porque eu me identifico com área de educação. Tive a influência do tempo da escola. Fiz curso normal no Instituto de educação Clélia Nanci. Trabalhei dando aula particular e com educação infantil por dois ou três meses. (Trecho da narrativa da quarta entrevistada).

Não foi a primeira opção. No curso de pré-vestibular uma amiga me falou sobre a pedagogia e que ela queria trabalhar com a educação especial. Então, eu me interessei! Acabei colocando pedagogia na segunda fase. Minhas tias são professoras... Por vê-las estudando até hoje, isso me estimula a continuar, a querer ficar na profissão. (Trecho da narrativa da terceira entrevistada).

Não escolhi. Eu fiz vestibular para História. No 3º ano na escola (ensino médio) tinha dúvida do que iria fazer [...]. Eu queria fazer Direito e por gostar de História achei que poderia tentar e, depois, mudar. Só que coloquei em segunda opção o curso de Pedagogia. Acabei passando na reclassificação e passei para Pedagogia. Como se tratava da Uerj e ficava perto de casa resolvi "pagar para ver". A minha mãe incentivou a fazer faculdade, pois o curso havia vários leques e por estar nova poderia, depois, fazer uma nova faculdade. Hoje terminando o curso de Pedagogia ainda não conheci todos os leques que o curso dá. (Trecho da narrativa da segunda entrevistada).

Ao lermos as narrativas acima percebemos que a definição pelo curso de Pedagogia é “descrita como um percurso de escolhas que, em certo momento da vida, foi sendo direcionada para a possibilidade de voltar a estudar, ou de seguir estudando, como uma escolha consolidada, ou não” (ABRAHÃO; ERBS, 2004). Este processo de escolha de curso é complexo ainda mais para jovens. Esta é uma escolha que envolve muitos fatos e, inclusive, a oportunidade de mercado de trabalho. Mundialmente, a busca por profissionais cada vez mais qualificados tem ocasionando a busca para formação superior.

As trajetórias escolares também ocuparam um espaço nas narrativas. Nesse caso a presença das experiências relacionadas à escola como alunas por meio da narração, favoreceu a possibilidade de algumas identificarem caminhos pelos quais foram se vendo como professoras. “Quem narra e reflete sobre sua trajetória abre possibilidades de teorização de sua própria experiência e amplia sua formação através da investigação e formação de si” (SOUZA, 2011, p. 2017).

Fui aluna o do colégio Pedro II e tive grandes professores de História, principalmente no último ano do ensino médio. Fui marcada por ter estudado em uma escola tradicional. A escola me ajudou como pessoa, no comportamento e na visão crítica. A entrada na universidade rompeu essa ligação com escola, porém ao longo da trajetória na FFP me fez voltar a estes fatos. Teve uma atividade sobre interdisciplinaridade onde o professor de química, física, sociologia pediu para fazer um trabalho abrangente todos os temas das disciplinas. Foram separados grupos. O meu grupo escolheu estudar um morro próximo à escola e trabalhamos também o fator social da comunidade. Este trabalho que foi feito através da união, marcou muito a minha trajetória escolar. (Trecho da narrativa da segunda entrevistada)

Minhas turmas da escola sempre foram muito agitadas e hoje eu vejo que isso era porque eles eram muito inteligentes e os professores não sabiam lidar com isso. Analisando este fato eu faria diferente. Eu acho que não há turma sem jeito. Eu acho que temos que estudar para achar caminhos certos. (Trecho da narrativa da terceira entrevistada)

Eu lembro da minha educação infantil e da alfabetização que me marcaram. Na alfabetização eram duas irmãs que tinham uma escola pequena e não tinham nenhuma formação, mas eram excelentes professoras. E minha professora da segunda série (terceiro ano) tinha umas metodologias diferenciadas. Ela fazia competições dentro da sala. Isso me marcou muito! (Trecho da narrativa da quarta entrevistada)

Podemos constatar, na trajetória das entrevistadas, que foram muitas as contribuições das formações recebidas. Sabemos que todas essas experiências formadoras entraram em diálogo com a questão: Com você se vê como pedagoga? O objetivo da questão foi identificar as contribuições das memórias na construção de identidade das futuras pedagogas.

O Curso de **Licenciatura em PEDAGOGIA** da **Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo – FFP**, destina-se a formar profissionais para exercer funções de Magistério na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal em cursos de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. O curso de Pedagogia da FFP foi reconhecido pela Portaria Ministerial N° 21/94 - D.O.U. de 06/01/1994, tendo sido sua recente reformulação aprovada pela Deliberação UERJ 30/2006.

Dessa maneira, veio a tentativa de trazer pistas que nos levassem a refletir sobre o futuro da profissão e sobre os lugares que as futuras pedagogas buscam no mercado de trabalho. Isso pode ser revelado pelas falas seguintes:

Eu quero continuar na área de educação, mas especificamente na área de educação com os surdos, apesar de não trabalhar no momento. Esse desejo veio do curso normal. Eu fiz um estágio no segundo ano em educação especial e conheci a surdez. Logo fiz o curso de libras e assim passei a ter contatos com os surdos e a participar dos movimentos dos surdos na pastoral da minha igreja. (Trecho da narrativa da quarta entrevistada).

Eu quero trabalhar como professora em sala de aula... eu sempre quis ser professora das series iniciais... Já trabalhei como explicadora e já trabalhei em uma creche comunitária. (Trecho da narrativa da primeira entrevistada)

As duas narrativas mostram que as entrevistadas possuíam experiências antes de ingressar no curso. A quarta entrevistada narrou o fato de ter feito o curso normal. O

que me instigou foi a primeira entrevistada ter dito que já trabalhou em creche comunitária, porém não informou se já tinha feito o curso normal. Então fiz uma nova entrevista onde obtive um dado revelador:

Eu até tentei. Na época para fazer o segundo grau (ensino médio) tinha que fazer prova eu até passei só que pedagógico era durante o dia eu não podia, pois precisava trabalhar. Aí tive que estudar à noite na mesma escola (Instituto de Educação Clélia Nanci), só que à noite era formação geral. Depois optei em fazer o curso de enfermagem para ter uma profissão e ele era à noite. Assim eu podia trabalhar. Por isso não fiz o curso normal. (Trecho da narrativa da primeira entrevistada).

Voltamos a um dado inicial desta pesquisa, os alunos da turma selecionada para a entrevista narrativa. Muitos desistiram de fazer a graduação em Pedagogia pelo o fato do curso ser diurno e não poderem conciliar com o horário de trabalho. Atualmente, os novos ingressantes ao curso de pedagogia da FFP/UERJ já tem a possibilidade de efetuar disciplinas à noite, o que consiste em um ganho para todos os estudantes.

Os motivos da evasão da turma selecionada ocorreram pelo mesmo motivo que a primeira entrevistada teve ao tentar ingressar no curso Normal - a necessidade de trabalhar. Para ela fazer o curso de Pedagogia é uma possibilidade de retornar ao tempo não perdido, mas ganho por necessidade.

Retornamos, a seguir, as perspectiva de uma futura carreira das estudantes.

Eu gosto muito da área da educação especial. Porém a remuneração é muito baixa. Por isso eu tenho interesse em ir para área empresarial. (Trecho da narrativa da terceira entrevistada).

Por estar em uma faculdade de formação de professores. As várias áreas de atuação não foram apresentadas. Questiono sempre o fato de minha formação ter sido focada na formação de professores. No terceiro período comecei a iniciação científica em relação étnica racial. Na qual me identifiquei e me mantive na faculdade. Paralelamente tive que fazer um curso de auxiliar de RH, que gerou tempo e dinheiro. Porque quis focar para área empresarial. Pretendo fazer no futuro, fazer uma pós na área empresarial. Mas junto com isso não pretendo abandonar a pesquisa em relação étnica racial. Por fazer parte da classe média necessito trabalhar. A pesquisa não gera dinheiro. (Trecho da narrativa da segunda entrevistada).

O que acontece hoje é um distanciamento entre a prática e a teoria. Isso deve ser discutindo e levado para as salas de aula, pois o objetivo é formar profissionais da

educação também reflexivos. As duas narradoras mostraram interesse em outras áreas que o curso abrange. A falta de interesse pela profissão docente é algo produzido socialmente ao longo dos tempos, já que a profissão de professor passa ainda por uma constante transformação e, além disso, sofre pela falta de prestígio.

Cada relato nos permitiu perspectivar em nossas memórias variadas formas de viver, variadas circunstâncias. As dimensões percebidas nas narrativas podem ser observadas também no meu relato. “Os percursos escolares são incessantes, pois continuam nas escolas, a nas universidades nos encontros ou congressos” (Abrahão;Erbs, 2004,p.20011).

Com os relatos que partilhamos, como se fossem fatias de um bolo, quem nos ouve nos faz seres capazes de pensar e repensar, de transformar e de ser retransformados.

Considerações finais

Como um álbum de fotografias aberto, que nos conta momentos de uma história vivida, assim este trabalho buscou apresentar, através das trajetórias de formação de alunas do 8º período do curso de Pedagogia o processo de construção identitária de cada narradora, especialmente em seus encontros com a Pedagogia.

Evidenciei no primeiro capítulo dois subcapítulos. O primeiro desvelou o percurso da profissionalização docente e do Curso de Pedagogia, o segundo mostrou as definições do itinerário da construção da identidade, possibilitando uma reflexão sobre a ligação entre a formação e a identidade.

No segundo capítulo tratou dos caminhos que me levaram a ouvir as narrativas, as experiências divididas a partir dos relatos orais e algumas reflexões coletada desses relatos. Esta metodologia nos proporcionou “uma longa viagem ao interior de si próprios, que nos fazem encontrar um novo patamar nas suas vidas.” (CAMARÚ,2004,p.7)

Ao término desta produção posso perceber a importância do narrar, já que o objetivo aqui é de mostrar e fazer com que o leitor compreenda o ato de tornar a ser.

Manifesto-me com o trecho da música de Gonzaguinha “Caminhos do coração”, Informando que :

Caminhos do coração

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas.
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Gonzaguinha

Os processos de formação e identificação são dados através das nossas relações. As narrações presentes neste trabalho possibilitaram aprender que nossas identidades são construídas a partir dos fios que nos ligam a outros sujeitos e nos transformam a cada dia. Nós somos conforme a canção acima, um pouco de cada indivíduo, possuímos marcas e nossas identidades.

Portanto, não finalizo aqui esse trabalho, mas disponibilizo uma reflexão. Já que, a construção de identidade se dá nos movimentos de idas e voltas, a reconstrução. Ou seja, não é finalizado e sim permanentemente recomeçado.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (Auto) Biográfica- Tempo, memória e narrativas. *Revista História da Educação*, Pelotas, n.14, p.79-95. 2003.

_____; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. Memórias de formação- escrita e a escuta do início do curso de Pedagogia. In: Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica. Rio Grande do Sul.p.1-17, 2009.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Curso de Pedagogia no Rio de Janeiro após Diretrizes Curriculares Nacionais: Formação docente e gestão educacional. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, vol. 9,n.18.2009.

_____. Formação e profissionalização docente no Brasil: instituições, práticas educativas e história. In: As redes de conhecimentos e as tecnologias, 2009, Rio de Janeiro. Laboratório Educação e Imagem, p. 01-12, 2009b.

_____. O/a professor/a e os espelhos da pesquisa educacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília , vol.90,n. 224,p.87-101.2009.

_____. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. *Educação*, vol.34,n.2,p.157-164.Porto Alegre, 2011.

Brasil, Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília.206 disponível em < www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf >. Acesso em 18/01/2014.

COMARÚ, Patrícia do Amaral. Processos de formação docente revisitados: Reconstrução das trajetórias pessoais e profissionais. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2004, Porto Alegre. I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica. Porto Alegre, 2004.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Pesquisa-intervenção, cartografia e estágio supervisionado na formação de professores. *Fractal, Rev. Psicol. Rio de Janeiro* .vol.23, n.2, p.269-290, maio/agosto 2011.

FLORES, Maria Assunção. Algumas reflexões em torno da formação inicial de professores. *Revista de educação*, Porto Alegre, vol.34, n.2,p.157-164.2010

FORTUNA, Maria Lucia de Abrantes. O perfil do administrador. In: *Revista da Faculdade de Educação da UFF*. Nitéroi/RJ. vol. 9,n.1,p.07-47, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós- modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva Garcia Lopes Louro. Rio de Janeiro, 10° ed: DREA,2005.

LE GOFF, Jacques. *Histórias e memórias*. São Paulo Campinas 5° ed: Editora da Unicamp, 2003.

NÓVOA, Antonio.(org) *Vida do Professores* . Porto Editora, 1995.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico- metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*. Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, abr, 2006.

_____. (Auto)biográfica, Identidades e alteridade modos de narração, escritas de si e praticas de formação na pós graduação. *Revista Fórum Identidades*. Sergipe, vol.4, p.37-50, 2008.

_____. Memórias e trajetórias de escolarização: abordagem experimental e formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental. *Revista da Faced*. Bahia, n.8, p.2009-226,2004.

_____. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. *Educação*, Porto Alegre, v.34, n.2, p.213-220, maio/ago. 2011.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Orientação Pedagógicas. Rio de Janeiro,2014. Disponível em: <
http://www.dep.uerj.br/paginas_internas/desc_cursos/pedagogia_ffp.html> Acesso em 17/01/2014

VICENTINI, Paula Perin ; LUGLI, Rosário Genta. *Histórias da profissão docente no Brasil: representações em disputa*. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, Ricardo. *Identidades pessoais*. Lisboa, Ed. Colibri, 2009.

____. *Ser igual, ser diferente. Encruzilhadas da identidade*. Portugal, 2ºed. Projecções.2000.